



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: UM ESTUDO DE CASO DO CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL NO RIO DE JANEIRO, RJ

MUNIZ, Anderson Mateus¹

DIAS, Bianca Brasil Gomes²

NETO, Carlos de Aguiar³

RICARDO, Cintia Maria da Cunha⁴

ANCHIETA, Ester Vitória Basilio⁵

RESUMO: Este estudo de caso tem por objetivo a reflexão sobre a importância dos programas de acessibilidade cultural no CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil), em especial as propostas educativas em Libras (Língua Brasileira de Sinais), mediante a ótica teórica de Pierre Bourdieu. Na obra intitulada “Os excluídos do interior”, Bourdieu constrói o conceito de “habitus” – maneiras de pensar, sentir e agir interiorizadas nos indivíduos desde a infância em uma família; mostrando que a dominação se faz muito mais de dentro para fora do que fora para dentro (vai se interiorizando a exterioridade). O centro cultural, contrapondo a atualização deste “habitus” já interiorizado no indivíduo surdo e também desmistificando o que Bourdieu chamou de “falsa democratização”, assume a responsabilidade de desenvolver novas experiências, ampliando o capital cultural e construindo uma identidade surda

¹Discente de Libras – UFF, amateus@id.uff.br

²Discente de Libras – UFF, biancagr@hotmail.com

³Discente de Libras – UFF, ozgauche@gmail.com

⁴Discente de Libras – UFF, cintia.mcr2014@gmail.com

⁵Professora de Libras na UFF, orientadora do presente trabalho. estervbasilio@gmail.com



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 –

autônoma. A pesquisa foi feita a partir do acompanhamento da visita guiada oferecida pelo CCBB do Rio de Janeiro - ministrada por dois guias (um surdo e um interprete) – à exposição “Los Carpinteros: Objeto Vital”; assim como a análise de alguns dos programas de acessibilidade cultural destinados a comunidade. O estudo conclui que as ações inclusivas do Centro Cultural do Banco do Brasil influenciam de forma positiva na qualidade de vida dos membros da comunidade surda ao introduzi-los nos debates sobre artes plásticas e cênicas; e eventos relacionados a contação de histórias e poesias dentro do espaço não-escolar. Contudo, não há indícios de barreiras para recriação destas atividades pela instituição escolar.

ABSTRACT

This article is a case of study that aims the importance of cultural accessibility programs on CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil), especially the educational proposals for speakers in Libras (Brazilian Sign Language), throw the theoretical perspective of Pierre Bourdieu in his book "Os excluídos do interior". He constructs the concept of "habitus" - ways of thinking, feels and act internalized in individuals since childhood in his/her family. Showing how the domination comes much more from inside than outside. The cultural center, demystifying the democratization of educational system and opposing the update of this already internalized "habitus", takes on the responsibility of developing new experiences, expanding the cultural capital and building an autonomous deaf identity. For this research, we join a guided tour to the exhibition "Los Carpinteros: Objeto Vital" offered by CCBB of Rio de Janeiro and led by two guides (on deaf and one interpreter). As well, some analysis of some of the cultural accessibility programs for the deaf community. Through it all, this study concludes that inclusive actions from Centro Cultural Banco do Brasil influences positively to increase the quality of life those members of the deaf community by introducing them into debates about plastic and scenic arts; storytelling and poetry within non-school space. There are no indications of barriers to a reproduction of these activities by school institution.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

INTRODUÇÃO

Este estudo de caso tem por objetivo a reflexão sobre a importância dos programas de acessibilidade cultural no CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil), em especial as propostas educativas em Libras (Língua Brasileira de Sinais), e como estas influenciam o desenvolvimento da autonomia do sujeito surdo através do enriquecimento de seu capital cultural e convivência com outros membros da comunidade surda.

O indivíduo surdo, ao longo da construção de sua identidade, é estigmatizado em nossa sociedade como não produtivo - uma ótica utilitarista do corpo (Gilles DELEUZE & GUATTARI, Mil Platôs, Vol.3) – e, portanto, não merecedor de investimento cultural. Este processo de exclusão higienista sela o destino profissional, assim, como e, conseqüentemente, em seus relacionamentos interpessoais, do sujeito surdo por sua característica física e não mental.

Mesmo que, academicamente sabido, seja possível educar e tornar autônomo qualquer indivíduo, respeitando o seu tempo e compreendendo suas necessidades (Vygotsky, 1984), existe a permanência de um habitus (maneiras de pensar, sentir e agir interiorizadas nos indivíduos desde a infância em uma família) que o limita em seu desenvolvimento. O surgimento de leis que visam o bem-estar da população determinadas pelo Estado - como o Art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei 8069/90, que diz que direito de toda criança ter acesso à educação; e, em especial, a acessibilidade (Lei nº 10.098/94) e inclusão (PNE, Lei nº 10.172/2001) – deram a oportunidade de ocupação e permanência em espaços educacionais que antes eram de acesso limitado ou exclusivo.

A escola inclusiva, tendo como fim primário promover a construção de uma sociedade onde há respeito e tolerância à diversidade; em prática é habitada por dois grupos de sujeitos: os “eleitos” e aqueles excluídos. Segundo Bourdieu:

“...o processo de eliminação foi diferido e estendido no tempo e, por conseguinte, como que diluído na duração, a instituição é habitada, permanentemente, por excluídos potenciais que introduzem nela as contradições e os conflitos associados a



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 –

uma escolaridade cujo único objetivo é ela mesma. ” (OS EXCLUÍDOS DO INTERIOR. XXXX p. 221)

O espaço escolar não tem cumprido a sua função de preparar o indivíduo para sociedade quando não ensina a Língua Brasileira de Sinais a todos os seus alunos (surdos e ouvintes) ou quando há ausência de interpretes capacitados a intermediar a aula falada para língua dos alunos surdos. Resultando o atraso na aprendizagem, evasão escolar e, em certos casos, transtornos de personalidade.

O Centro Cultural Banco do Brasil, um espaço não-escolar, tem propostas educativas em Libras acessíveis a todos os surdos, a partir da idade de 5 anos. Seus programas de acessibilidade cultural promovem novas experiências intelectuais enriquecedoras com e para comunidade surda, como visita guiada mediada, contação de histórias e debate cinéfilo em libras. Estas ações externas, que permitem ler o mundo, podem incorporar ao capital cultural do sujeito surdo, conforme dita a teoria de Bourdieu, vivências capazes de atualizar o habitus do mesmo, possibilitando a construção de uma identidade empoderada e autônoma.

As observações sobre as propostas educativas em Libras oferecidas pelo CCBB-RJ foram realizadas com diferentes fontes de pesquisa, sendo elas: vivência como membro da equipe pedagógica do centro cultural; entrevista com os guias Rodrigo Fialho (educador surdo) e Davi Vasconcelos (intérprete) e; análise dos eventos e atividades destinados a comunidade surda.

Tendo, esta pesquisa, como objetivo a coleta de informações sobre o ensino não-formal, neste espaço não-escolar, mas, porém, capaz de colaborar com a autonomia do sujeito surdo, ser pensado e adaptado ao currículo da instituição escolar.

A EXPRESSÃO DOS SURDOS POR MEIO DE ATIVIDADES CULTURAIS

A comunidade surda no Brasil, ainda que bastante numerosa, é pouco percebida pela sociedade. Muitas vezes, mediante as barreiras linguísticas que enfrentam, os indivíduos surdos são impossibilitados de exercerem o seu papel de cidadão. Como ter acesso, por



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

exemplo, aos direitos básicos garantidos pela própria Constituição, como educação, saúde e lazer, se os profissionais de tais áreas não possuem nenhum tipo de capacitação ou conhecimento em Libras para atuarem e interagirem com estes indivíduos?

Dentro da comunidade surda, as crianças devem ser alfabetizadas, primeiramente, pela sua língua materna (Libras) para que, posteriormente, a Língua Portuguesa seja inserida e direcionada para facilitar o processo cognitivo do aprendizado. Entretanto, essa deficiência de profissionais dentro do próprio sistema escolar e também nos espaços não escolares acaba, por si só, criando um distanciamento ainda maior entre surdos e ouvintes e, paralelamente, prejudicando ainda mais o ensino da língua portuguesa para estes.

É notório que a política de educação no Brasil vem construindo caminhos direcionais no que tange a perspectiva de inclusão de todos na escola e nos espaços não escolares comuns, em especial para as pessoas com deficiência. Dentro desse contexto inclusivo, os olhares acolhedores para os indivíduos surdos têm se evidenciado de forma significativa dentro da sociedade. Entretanto, por mais que as políticas estejam canalizando esforços para este fim, muitas propostas, tanto no espaço escolar quanto fora dele, precisam ser revistas e adaptadas para que, de fato, apresentem caminhos consistentes e produtivos para a educação e inclusão dos indivíduos com surdez dentro do contexto social.

Ainda que tenham garantido por lei o direito à educação por meio da língua de sinais (através da obrigatoriedade de intérpretes em estabelecimentos públicos de ensino), é possível perceber que, na prática, poucos profissionais possuem o conhecimento necessário para trabalhar com metodologias adequadas para o ensino de surdos.

INDO AO CAMPO DE PESQUISA – APLICAÇÕES METODOLÓGICAS.

Com o intuito de aprofundarmos um pouco mais sobre esse Universo ainda tão pouco explorado e conhecido, como metodologia de pesquisa adotamos entrevistar uma docente na área de Libras. Escolhemos a professora Ester Vitória Basílio Anchieta, docente de Libras pela Universidade Federal Fluminense, conforme a seguir:

1 - Por que o interesse pela docência em Libras?



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

O interesse pela docência foi algo involuntário e inato. Eu simplesmente sempre quis ser professora. Por isso, cursei pedagogia na Universidade Federal de Juiz de Fora. Durante a graduação participei de um grupo de estudos sobre educação de surdos, onde meu interesse em ir para a vida acadêmica aumentou.

Aprendi Libras na adolescência, fiz amigos surdos e fiquei fluente em mais ou menos 1 ano de contato com os surdos.

Neste grupo de estudos que frequentei, comecei a estudar teoricamente os aspectos linguísticos da Libras. Com isso, pós formados decidi estudar os aspectos de tradução Português X Libras em literaturas infantis. Fiz meu mestrado na área pela Universidade Federal de Santa Catarina.

2 - Há quanto tempo atua com alunos surdos?

Minha carreira começou como Intérprete. Eu tinha 13, 14 anos quando começaram a me convidar para atuar em eventos. Com 17 anos comecei a trabalhar como intérprete em uma faculdade privada de Juiz de Fora - MG, lá, precisaram de professor de Libras e me convidaram para atuar nos cursos de extensão. Tem aproximadamente 10 anos que trabalho com tradução e uns 8 anos que trabalho com ensino de Libras.

3 - Qual a sua formação para atuar com esse público?

Sou pedagoga pela UFJF, pós-graduada em Libras pela Faculdade Eficaz (Paraná) e mestre em tradução pela UFSC.

4 - Como foi a sua primeira experiência em uma turma com indivíduos surdos?

A primeira vez que estive com uma turma só de surdos foi em 2013 na Escola Dulce de Oliveira, em Uberaba-MG. Mais tarde, em 2016, assumi um cargo público em uma escola bilíngue para surdos em Angra dos Reis-RJ.

Estar em uma classe de surdos para ensinar Libras é um desafio. Sobretudo, por eu ser ouvinte. Sinto que os alunos buscam uma referência/modelo surdo e eu, sendo ouvinte, não consigo impactá-los com uma identificação.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

Porém, com aulas 100% em Libras eles conseguem se apropriar rapidamente da Língua e em pouco tempo eles quem estão ensinando!

Para relatar minha primeira experiência, recordo do primeiro dia em que pisei na sala de aula em 2013. Foi marcante. Muitas “mãozinhas” de alunos de 6 anos sinalizando sinais gestuais e tentando se comunicar. Foi envolvente e o trabalho realizado (inicialmente através de literaturas infantis), foi espetacular.

5 - Quais são as maiores dificuldades que o aluno surdo apresenta em seu processo de escolarização?

Depende do contexto que esse aluno é inserido. As dificuldades são muito peculiares para singularizarmos pelo parâmetro da surdez.

Posso dizer de forma genérica que em contexto de inclusão uma das maiores dificuldades dos alunos é a falta de intérprete ou a (falta de) formação do mesmo. Muitos tradutores chegam nas escolas não fluentes.

Além disso, muitos surdos não sabem Libras. Chegam na escola, as vezes há um intérprete, mas eles não sabem. Isso traz vários problemas no processo educacional.

É curioso ressaltar que uma maioria expressiva dos surdos são filhos de pais ouvintes, que não usam Libras em casa. Se o indivíduo surdo não aprende nem se comunica em Libras em casa e nem na escola... onde ele irá aprender? Cabe a reflexão.

6 - Existe a necessidade de alguma adaptação curricular para os alunos surdos? Quais?

Sim! Isso também é relativo. Afinal, depende muito do aluno. Se eu tenho um aluno usuário de Libras, se meu aluno é oralizado ou não, se usa aparelho ou implante, se a surdez é sua única deficiência ou não...

Como trabalho com formação de professores que irão pegar essa diversidade infinita no seu dia a dia, procuro prepará-los para serem sensíveis a necessidade alheia. Quando nos colocamos no lugar do aluno conseguimos pensar em metodologias que façam- o chegar ao conhecimento.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 –

Inevitavelmente, precisamos usar todos os recursos visuais possíveis. A Libras deve vir sempre em primeiro plano para a comunicação. O currículo deve ser adaptado para excluir a segregação e incluir a diferença.

7 - Como você descreveria o papel de um intérprete de libras?

Exclusivamente de mediação linguística. O TILS (Tradutor intérprete de língua de sinais) deve buscar formação de qualidade e específica. Por exemplo, se há um TILS trabalhando em hospital deve buscar conhecer os léxicos, as normas éticas e de conduta para tal contexto. Bem como os TILS que atuam no contexto escolar.

É de suma importância que o tradutor e o professor dialoguem sempre. Desde a construção do currículo até a preparação das aulas é preciso haver colaboração das partes. O professor se preocupando em como ensinar, o TILS buscando como interpretar.

Ter um TILS em sala não descarta em hipótese alguma a necessidade de adaptação curricular e metodológica por parte dos docentes. A memória visual do surdo deve ser considerada e pensada pelo professor. Este, tem a função de ensinar. Já o intérprete deve exclusivamente traduzir e não tem a função de ensinar, pedir para o aluno ficar quieto, cobrar atividades, levar ao banheiro... O TILS é exclusivamente para mediação linguística.

8 - Os alunos surdos possuem algum acompanhamento especializado fora da sala de aula? Como seria esse processo?

Há escolas que fornecem o AEE. O atendimento especializado educacional em contra turno para alunos surdos. Normalmente o AEE é para ensino de Libras ou de português como segunda língua.

9 - Qual a relação que você identifica entre a Libras e a política de inclusão?

Costumo dizer que quando falamos INCLUSÃO, a primeira coisa que nos vem à mente é espaço físico acessível ou uma escola diversificada.

Inclusão vai para além disso. Incluir é se tornar acessível. Incluir não é pensar que todos são iguais e por isso tem os mesmos direitos. Incluir é ter plena consciência que todos são diferentes e mesmo assim tem os mesmos direitos e deveres.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 –

A política de inclusão hoje é muito comentada por conta das conquistas legais. Espaços culturais, ambientes educacionais, hospitais, empresas... todos precisam seguir as políticas de inclusão por conta da cobrança da legislação.

Para além de uma obrigatoriedade, a inclusão nos faz sentir humanos. Nos faz ver o quão pequenos somos e o quão grande podemos ser. Incluir é se tornar acessível. É ter sempre empatia pelo indivíduo alheio e entender que não há uma porção mágica para a acessibilidade. Por exemplo, de que adianta incluir TILS em uma escola se as aulas não são visuais? De que adianta incluir TILS em uma empresa para grandes eventos se no dia a dia ninguém se comunica com o empregado surdo? De que adianta empregar pessoas com deficiência por obrigatoriedade legal e não fornece espaço acessível? De que adianta ter a disciplina de Libras na formação e depois achar que o TILS é o responsável pelo meu aluno surdo?

Costumo brincar que a “política de inclusão” deveria ser substituída por uma “construção moral de inclusão”. Cabe refletirmos.

10 - Poderia fazer um breve relato sobre a sua visão em relação ao indivíduo surdo, suas experiências, emoções, frustrações, dificuldades e esperança para com este indivíduo dentro da nossa sociedade?

Acho que deixei transparecer isso durante esta entrevista! Não posso relatar experiências de algo que não sou, mas posso comentar aqui o que tenho visto.

A verdade é que a sociedade prega que todos somos iguais. De fato, não somos! Nisto, está a beleza da criação divina. Somos todos diferentes e bonito mesmo é ver pessoas respeitando tal diversidade.

Vejo muitos surdos frustrados, tristes, deprimidos com a falta de acesso à comunicação em muitos espaços. Minha experiência pessoal e profissional com surdos me faz pensar que a família normalmente é o lugar que o surdo mais sente a falta de acessibilidade. Não poder conversar com os pais, com os irmãos ou ter dificuldade para isso entristece e acarreta dificuldades em outras áreas, como a escola, o trabalho, a vida afetiva...



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

Como qualquer pessoa o surdo tem um planejamento de vida pessoal, desejos, sonhos...,mas normalmente vejo que a frustração vem de fato pela falta de acessibilidade. Já pararam para pensar se há professores de música acessíveis para surdos? E se o surdo quiser aprender a tocar? Existir, existe! Mas são poucos profissionais.

E se o surdo quiser fazer o vestibular e a universidade não tem acessibilidade em Libras? Isso é justo? Considerando que sua primeira língua é a Libras.

São muita possibilidade de frustração por um único motivo: Não sermos acessíveis.

Para finalizar, vale ressaltar que vivemos, infelizmente, uma cultura egocêntrica. Precisamos trabalhar em nós mesmos e nos nossos alunos a necessidade da empatia e da ação para mudança. A acessibilidade começa dentro de nós e beneficia a nós mesmos. Afinal, também não somos diferentes?

CCBB-RJ, PROGRAMA EDUCATIVO

As atividades do CCBB-RJ são preparadas pelo Programa Educativo, que conta com uma equipe interdisciplinar de arte-educadores e estagiários de diferentes cursos. Essa equipe se divide em cinco Grupos de Pesquisa (GP), são eles Acessibilidade, Cênicas, Música, Pequenas Mãos e Artes Visuais, estes atuam de forma cooperativa para a construção das atividades oferecidas pelo setor. Alguns educadores que fizeram parte do Programa Educativo desenvolveram pesquisas e práticas que servem de referência para os educadores atuais, porém a cada exposição novos desafios e oportunidades aparecem. Atualmente integra o GP de Acessibilidade o arte-educador Rodrigo Fialho e os estagiários Cintia M^a Ricardo, Davi Vasconcelos, Letícia Caetano e Lucas Calvet. Além das atividades em Libras o GP de Acessibilidade desenvolve roteiros e atividades na intenção de promover a inclusão de diferentes grupos como autistas, down, LGBTs, etc.

Os Grupos de Pesquisa contam com reuniões semanais com as coordenadoras Camila Alves (que é cega) e Camila Oliveira ambas antes de atuarem na coordenação fizeram parte da equipe do CCBB Educativo como educadoras e durante um período atuaram no GP de



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

Acessibilidade. A presença do Rodrigo Fialho, da Camila Alves e seu cão-guia, a Pucca, enriquece a equipe com experiências que só o convívio proporciona, combatendo assim possíveis preconceitos, revelando que o maior desafio da educação inclusiva é incluir. Conviver com as diferenças e suportar os incômodos e desafios.

Para este trabalho acompanhamos a Visita Mediada em Libras do dia 03/06/2017 na exposição Los Carpinteiros: Objeto Vital com os educadores Rodrigo Fialho e Davi Vasconcelos. Quando o público não vai até o espaço do Programa Educativo em busca da visita os educadores vão até a bilheteria e na entrada a exposição, apresentam o projeto e se disponibilizam para acompanhar a pessoa ou o grupo em uma visita mediada pela exposição de sua preferência. Nesse dia o público formado foi um casal ouvinte de aproximadamente 20 anos, ele estudante de engenharia e ela estudante de história. Os educadores fazem a visita juntos e interagem de forma bastante dinâmica e divertida, completando as ideias um do outro, trazendo informações de acordo com seus interesses e com os interesses do visitante. Na visita acompanhada o Davi falava em português caso os ouvintes não entendessem o que havia sido dito.

Muitos ouvintes se interessam e acompanham a visita, até o momento de nossa pesquisa nenhuma visita havia deixado de acontecer. As visitas em Libras começaram a ser oferecidas com horários fixos recentemente, em maio de 2017, às quartas 12h e sextas 16h.

O CCBB-RJ também oferece um sábado por mês a Contação de História em Libras, onde os educadores adaptam histórias variadas para a Libras, dentre as histórias estão: O Lobo e as Cabras, A História mais Longa do Mundo, A Criação do Mundo, As Quatro Bolas, etc. A atividade tem como prioridade o público surdo, mas muitos ouvintes demonstram interesse e participam da atividade mesmo sem ter tido contato anterior com a língua.

Ambas as atividades são divulgadas no site do CCBB-RJ dentre as atividades do Programa Educativo, nas redes-sociais e pelos educadores. Seguindo nossa metodologia de entrevistas, segue as perguntas e as repostas que fizemos aos educadores do CCBB:



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 –

1 - O que motivou as atividades em Libras? E quais dificuldades você enfrentou como interprete?

“O que motivou as atividades em libras foi a busca por uma relação mais próxima entre o CCBB e a comunidade surda do Rio de Janeiro. As dificuldades estão relacionadas a sobrecarga, uma vez que só eu atuo como intérprete. ” (Davi Vasconcelos, 30 anos, graduando em História na UFRJ e arte - educador estagiário bilíngue no CCBB-RJ.)

2 - Que tipo de retorno vocês obtiveram das pessoas surdas ou pessoas envolvidas com a comunidade surda?

“Por enquanto, o retorno não tem sido em grande volume, no entanto, tem sido super positivo o retorno eles estão adorando as atividades em Libras.” (Davi Vasconcelos)

3 - Quais foram as principais dificuldades que você enfrentou no seu processo de escolarização?

“Atualmente, as pessoas com surdez, ainda enfrentam dificuldades para participar da educação escolar, melhor maneira organizar claro a Libras como primeira língua e o português como segunda –o Bilinguismo...na minha época não tinha muito conhecimento. Como esforço para ler leitura labial, - as vezes professor (a) andava para lá e para cá - pegava material com os colegas para acompanhar a matéria. Pior é apresentar o trabalho...de modo geral foi difícil, mas vale lembrar que não somente dos professores ou dos do pessoal da escola, mas também dos pais, familiares, fonoaudiólogos, etc. A educação começa em casa. Minha mãe tinha bastante paciência para me aturar. ”(Rodrigo Fialho, educador surdo, CCBB-RJ)

4 - Ao decorrer da sua formação como foi o acesso aos centros culturais, museus, etc.

“Eu lembro meus pais levava muito para o museu, não gostava por não ser acessível... até hoje continua sem acessibilidade. Melhor é ir ao cinema porque tem legenda. ” (Rodrigo Fialho).

5 - Para você qual a relevância dessas atividades em Libras para as pessoas surdas?

“Comecei a conviver com a comunidade surda com uns 19 anos de idade, meus pais nunca proibiram. É que eu tinha vergonha de ser surdo... quando eu fui conhecer os outros surdos me senti em casa ninguém me olhava com olho tonto...A descoberta Libras me fez aceitar minha identidade... hoje não tenho vergonha. Falo SOUSURDO. ”(Rodrigo Fialho)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

1 - Rodrigo Fialho na oficina de contação de histórias em Libras com crianças surdas.



Imagem 1: Contação de histórias em Libras

2 - Rodrigo Fialho com grupo de surdos na visita mediada.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -



Imagem 2: Visita mediada

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os programas de acessibilidade cultural oferecidos pelo CCBB do Rio de Janeiro com certeza expandem o leque de opções de lazer e aquisição de capital cultural dos sujeitos surdos que usufruem de suas possibilidades. Contudo, além disso existe a sensação de pertencimento ao local de saber necessário para o desenvolvimento da personalidade saudável.

O trabalho de mediação de agentes transformadores da realidade surda, como Rodrigo Fialho, Davi Vasconcelos, são o lado humano da instituição que não se limita a ser apenas um edifício com obras de arte plástica despojados em seus ambientes. É a realização da vulgarização do saber de forma universalizada. Para além da instituição, existe o contato com o outro igual entre o surdo guia e surdo visitante, formando uma relação de representatividade e identificação.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 –

O espaço escolar deve se libertar do tradicional, do normalizado, e abraçar as diversas possibilidades de ensino, mesmo havendo dificuldades materiais e de pessoal. A boa vontade cultural não se limita ao eu para o mundo, mas inclui o mundo para o eu.

BIBLIOGRAFIA

<http://culturabancodobrasil.com.br/portal/24171/>. Acessado em 08/06/2017

<http://culturabancodobrasil.com.br/portal/roteiros-especiais-visita-em-libras/>. Acessado em 08/06/2017

<http://culturabancodobrasil.com.br/portal/1a-mostra-de-arte-sensorial-e-inclusiva/>. Acessado em 08/06/2017

<http://culturabancodobrasil.com.br/portal/ccbb-educativo-abril-3/>. Acessado em 08/06/2017

<http://culturabancodobrasil.com.br/portal/ccbb-educativo-52/>. Acessado em 08/06/2017

<http://culturabancodobrasil.com.br/portal/los-carpinteiros-o-objeto-vital/>. Acessado em 08/06/2017

CROCHICK, José Leon. *Preconceito e educação inclusiva*. Brasília: SDH/PR, 2011. Pg. 196

BOURDIEU, Pierre e CHAMPAGNE, Patrick. *Os excluídos do interior*. Cap. IX

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins e NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições.